

IS Working Papers

3.ª Série, N.º 58

*Girls Rock Camps no
Brasil: continuidade
subcultural e presença
Riot Grrrl*

Gabriela Gelain
Adriana Amaral

Porto, agosto de 2017

Girls Rock Camps no Brasil: continuidade subcultural e presença *Riot Grrrl*

Gabriela Gelain

Programa de Pós-Graduação de Comunicação, Grupo de Pesquisa CultPop, UNISINOS, Brasil
Email: gabrielagelain@gmail.com

Adriana Amaral

Programa de Pós-Graduação de Comunicação, Grupo de Pesquisa CultPop, UNISINOS, Brasil
Email: adriamaral@unisinobr
Submetido para avaliação: junho de 2017 / Aprovado para publicação: agosto de 2017

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de entender de qual modo a continuidade subcultural (Hodkinson, 2011) está presente nas mulheres (jovens e adultas) que estão envolvidas com a subcultura *Riot Grrrl* e os *Girls Rock Camps* no Brasil. Quanto à metodologia, a pesquisadora Gabriela Gelain assumiu, através de uma observação participante (*online e off-line*) e inspirada em movimentos da etnografia virtual, a posição de pesquisadora *insider* (Hodkinson, 2005; Amaral, 2009), pois é voluntária no *Girls Rock Camp* Porto Alegre. Deste modo, 63 entrevistadas de 10 estados brasileiros, entre 15 e 47 anos de idade, compõem a amostra desta investigação, juntamente a nossa observação das respostas e dados coletados. Por fim, percebemos que as respondentes com maior idade estão vinculadas com a subcultura há 20 anos ou mais e as mulheres adultas (em média de 25 anos de idade) da amostra da pesquisa são ativas na subcultura, tocando com bandas, produzindo eventos feministas, fanzines, ensinando instrumentos para outras mulheres e incentivando-as a buscarem o seu empoderamento, havendo, também, uma preocupação maior com relação aos seus movimentos dentro da subcultura *Riot Grrrl* no Brasil.

Palavras-chave: *Girls Rock Camp*, *Riot Grrrl*, subculturas, continuidade subcultural, estudos feministas.

Abstract

This work aims to understand how the continuity subcultural participation (Hodkinson, 2011) is present in women who are involved with *Riot Grrrl* and the *Girls Rock Camps* in Brazil. As methodology, the researcher Gabriela Gelain assumed, through a participant observation (*online and offline*) and inspired by movements of virtual ethnography, the position of insider researcher (Paul Hodkinson, 2005; Amaral,

2009), since she is a volunteer in Girls Rock Camp Porto Alegre. So 63 interviewees from 10 Brazilian states, between 15 and 47 years old, compose the sample of this investigation, along our analyzes about the answers and collected data. Finally, we note that older respondents have been linked to the subculture for 20 years or more and the adult women (25 years old) in the research sample are active in the subculture, playing with bands, producing feminist events, fanzines, teaching instruments to other women, in order to seek their empowerment, and there is also a greater concern with regard to their movements within the subculture Riot Grrrl in Brazil.

Keywords: Girls Rock Camp, Riot Grrrl, subculture, continuity subcultural participation, feminist studies.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de entender de qual modo a continuidade subcultural (Hodkinson, 2011) está presente nas mulheres jovens e adultas que estão envolvidas com a subcultura *Riot Grrrl* e conseqüentemente, com o *Girls Rock Camp* no Brasil. Quanto à metodologia, através de uma observação participante (*online e off-line*) e inspirada em movimentos da etnografia virtual, a pesquisadora Gabriela Gelain assumiu a posição de *insider* (Hodkinson, 2005; Amaral, 2009) e a análise dos dados coletados a partir das respostas das entrevistadas foi discutida e realizada pelas pesquisadoras *insider* (Gabriela) e *outsider* (Adriana). Deste modo, 63 entrevistadas¹ de 10 estados brasileiros, entre 15 e 47 anos de idade, compõem a amostra desta investigação, juntamente a observação participante no *Girls Rock Camp* de Porto Alegre (figura 1), em janeiro de 2017. O *Girls Rock Camp* é um acampamento diurno que tem como objetivo reunir garotas interessadas em aprender a tocar instrumentos e mulheres com vontade de ensinar e passar conhecimentos musicais e de empoderamento feminino a diante.

FIGURA 1
Roadies do primeiro Girls Rock Camp Porto Alegre (Janeiro de 2017)



Foto: Retirada do facebook do Girls Rock Camp Porto Alegre:
<https://www.facebook.com/grcportoalegre> Acesso em 24/07/17.

¹ Todos os nomes utilizados neste artigo são fictícios para preservar a identidade das mulheres entrevistadas.

Quando são adolescentes, meninas são incentivadas a interpretar sua sexualidade a partir de temas como o compromisso com relação a romances, o amor, o sentimento e a acreditarem que estes levarão a uma felicidade plena. Deste modo, muitas meninas jovens esperam por suas vidas enquanto mães e esposas, e com tais valores endossados assumem distintas funções como mulheres. De acordo com Simon Frith e Angela McRobbie (2005), as definições de masculinidade e feminilidade são confirmadas e reforçadas na música e em específico ao rock, onde as mulheres não possuem grande controle de sua performance, bem como de sua imagem e música, ou seja, para o sucesso, há a necessidade de se moldarem a um viés masculino.

Além disso, segundo Shuker (1999: 138), na música popular, a importância da diferença dos gêneros é evidenciada também na questão da “apresentação da musicologia em relação a um cânone musical de domínio masculino, onde há o desafio feminista contra tal situação”. A música é um grande campo de negociação e construção de valores afetivos e através deste campo, diversos grupos sociais entram em disputas por construção de identidades, representações e a busca pelo poder - ou então, convergem e misturam, identificando-se como pertencentes a variados segmentos culturais (Guerra, 2013a e 2013b)– e isso também vinculada às discussões de gênero. Assim, as ferramentas musicais que são utilizadas nestas construções de identidades podem atuar de forma ativa, acionando ideias, ações sociais e simbolismos (Gelain, Lage e Bittencourt, 2016). Para Frith e McRobbie (2005), qualquer análise sobre a sexualidade atrelada ao *rock and roll* deve começar com o fato social de que, nos termos de controle e produção, o rock é voltado a um padrão determinado pelos homens, tendo sido sempre um negócio organizado por eles, não por elas. Ou seja, músicos populares, escritores, criadores, técnicos, engenheiros e produtores são, em sua maioria, homens, tomando a realidade dos autores e da época em que escrevem. Embora as mulheres tenham conquistado espaço no mercado de trabalho atualmente (na música e em outros campos), os papéis criativos femininos (ainda) são limitados e mediados pelas noções masculinas, onde a imagem da habilidade feminina é construída pelo homem. Desta forma:

Olhando para a música popular como um todo, as mulheres têm sido mais consumidoras do que produtoras de música: o papel principal para as mulheres é o de fãs. Mulheres artistas têm sido mais proeminentes no “pop” comercial e “folk” do que no “rock”, mas seu lugar em todos estes mundos tem sido predominantemente de vocalistas ao invés de instrumentistas. E onde as mulheres têm sido instrumentistas, elas tendem a ser tecladistas. Enquanto as mulheres escritoras e cantoras de “folk” têm tocado violão, a guitarra elétrica (certamente o instrumento que mais sintetiza o “rock”) foi deixada nas mãos de meninos (Bayton, 2004: 270).

Segundo Shuker (1999: 129), entre os itens evidenciados na pesquisa da música popular e do feminismo estão “os estudos a respeito da presença feminina na indústria fonográfica, principalmente as experiências das mulheres musicistas, que lutaram frequentemente contra as estruturas e as conjecturas patriarcais e masculinas”. Já na subcultura *punk* em específico, Haenfler (2012) afirma que, para além da produção musical, as mulheres tiveram papéis essenciais no *punk*. As ideias feministas no estilo musical *punk rock* abriram portas para a proliferação de uma resistência cultural das mulheres *punk s*, que assumiram funções em bandas da Grã-Bretanha como *Siouxsie and the Banshees*, *Delta 5*, *The Catholic Girls*, *Mo-Dettes*, *Ludus*, *The Raincoats*, *Crass*, *Rip Rig and Panic*, *X-Ray Spex*, *The Adverts*, *Bodysnatchers* e *The Au Pairs*. Nos anos 90, as *Riot Grrrls* já começaram a contestar o sexismo e machismo dentro da cena *punk*, que se dizia libertária. Além disso, ainda hoje existe falta de representatividade com relação a mulheres musicistas em diversas mídias (TV, rádio, revistas especializadas em música, jornais, blogs e sites de redes sociais) e o *Rock n’ Roll Camp For Girls* (o primeiro evento do modelo *Girls Rock Camp*) foi pensado e realizado justamente a partir desta constatação e de outras reflexões sobre a falta de visibilidade das mulheres enquanto protagonistas no fazer musical.

1. Mídia e a chegada da subcultura Riot Grrrl no Brasil

Riot Grrrl é a subcultura também conhecida como o *punk* feminista, que surgiu no início da década de 1990, nos Estados Unidos (mais especificamente em Olympia, Washington e Washington D.C.). A escrita e a pronúncia de *grrrl* foram justamente utilizadas para fazer um contraponto a “*girl*”, resultando em um “ronsnado”, um som de “raiva”. A subcultura fora fundada primeiramente por jovens mulheres artistas e feministas que depois integraram a cena *punk*, onde estavam cansadas de presenciar o machismo e o sexismo dentro de um movimento que, embora se proclamasse libertário, reproduzia o que elas contestavam na sociedade.

As mulheres que organizaram as primeiras reuniões nas quais se formava a subcultura *Riot Grrrl*, as “*riot grrrls*” ou “*riots*” (como também chamadas), entraram em debates já iniciados pelos movimentos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) e Feminista há décadas, no entanto, trouxeram uma perspectiva inteiramente nova no que se trata da juventude e da sexualidade através de conexões transnacionais (Hummel, 2009). Desta forma, surge com o caráter de um movimento social que contestava tanto o machismo no movimento *punk punk* quanto o sexismo na sociedade em geral (Shrodes, 2012).

De acordo com Hummel (2009), a subcultura *Riot Grrrl* brasileira teve um significado único para a sociedade do país. O espaço da subcultura teria sido inspirado, também, pela força do movimento de mulheres (Movimento Feminista) e da luta pelos direitos LGBT no final dos anos 80 no Brasil e desenhado através da história da música popular como um importante meio de crítica para as pessoas jovens na época. Logo, os precursores da subcultura *Riot Grrrl* dos anos 90 e 2000 no país foram a forte cena crítica do movimento *punk* brasileiro e do Metal nos anos 80, além do movimento Tropicália nos anos 60 no Brasil. No entanto, existe mais de uma versão de como a subcultura *Riot Grrrl* chegou ao país. De acordo com Hummel (2009), a subcultura *Riot Grrrl* chegou ao Brasil quando a banda L7, formada apenas por mulheres, tocou no país em 1992. Em consequência disso, mulheres jovens e adultas que foram ao show viram pela primeira vez uma banda formada apenas por mulheres, e procuraram por músicas similares nas semanas seguintes, encontrando, assim, a *Bratmobile*, *Heavens to Betsy* e *Bikini Kill*, entre algumas outras bandas de *punk* feminista. No final de 1992 surge a banda Bulimia em Brasília, formada por um grupo de meninas estudantes do ensino médio e participantes da cena *punk* local. Após algum tempo, no mesmo ano, surge a banda Kaos Klitoriano (Brasília) e, depois, a Dominatrix (São Paulo), primeira banda a se auto-intitular como *Riot Grrrl* no país, em 1995.

De acordo com Bramorski (2015), a chegada da internet ao país deu-se em meados de 1995, tornando-se popular dois anos depois. As bandas de estilo musical *Riot Grrrl* viram-na, então, como um instrumento para o diálogo com seu público e curiosos admiradores e admiradoras. Alguns canais de conversa eram bastante utilizados no país para conectar as jovens *riot grrrls*, como o *mIRC* e os *Blogs*, mas o destaque vai para o *Fotolog*, no qual o foco é a foto. De acordo com a autora (Bramorski, 2015: 8), “os personagens que anteriormente não tinham rosto, agora têm rosto e atitude, a imagem tem que falar por si, ela é o próprio texto. O mundo das representações, a persona pública tem que ser atraente para se ter comentários, seguidores”. Neste sentido, as garotas e as bandas tornaram-se visíveis, pois as fotos revelavam a moldura da performance, as poses, os cartazes (*flyers*) de shows. Deste modo, através do uso da internet, a rede da subcultura *Riot Grrrl* brasileira foi tomando forma.

Assim, as *riot grrrls* no Brasil usaram específicos canais para promoverem sua arte e suas atividades no Brasil, tanto no *mainstream* - como a MTV e a TramaVirtual -, quanto no *underground* - através dos *fanzines*², *Blogs* independentes e também nas redes sociais digitais. Embora o início da subcultura *Riot Grrrl* nos Estados Unidos tenha resistido à imprensa e ao *mainstream*, no Brasil as *riot grrrls* utilizaram esta brecha na MTV e em

² Fanzine é uma publicação autoral; revista artesanal independente. O termo é um neologismo resultado na contração de *fanatic* (fã) e *magazine* (revista).

outras mídias *mainstream* para promover e documentar suas atividades que, segundo Hummel (2009), quando produzidas por membros da subcultura e usadas juntamente às mídias do *underground*, contribuíram para a longevidade da *Riot Grrrl* no Brasil. Além disso, ao colaborarem com a imprensa, as *riots grrrls* brasileiras se posicionaram para divulgar a informação sobre suas lutas políticas para outras jovens no país, tendo uma abrangência muito maior do que no *underground*.

Quando questionadas sobre quais mídias contribuíram para disseminar a subcultura no país, as entrevistadas em profundidade e por *e-mail* comentam que lembram de algumas integrantes de bandas *riot grrrls* brasileiras trabalharem em canais televisivos como a MTV, e isso também poderia ter influenciado, de certo modo, a passarem clipes de bandas *riot grrrls* na TV (Cfr. Guerra 2015a). Entre os programas de rádio citados pelas entrevistadas estão: o programa do Gastão Moreira, o programa Distúrbio Feminino (de Mariângela Carvalho), a rádio Unisinos. As entrevistadas que não conheceram a subcultura por meio da televisão, rádio ou programas de rádio, parecem se orgulhar disso, dizendo que conheceram "na rua", "na vida", "no rolê", "na vivência punk", "sozinha". Quando falam da televisão, a MTV sempre é citada, da mesma forma como o programa do Kid Vinil. No meio impresso estão a Revista *Rock Press*, a revista *Showbizz* e os *fanzines*, que geralmente são citados como uma das principais mídias a favor da subcultura *Riot Grrrl*. Entre os *Blogs*, o *Cabeça Tédio* é considerado entre as entrevistadas como uma mídia muito importante a respeito das atualizações da *Riot Grrrl* no Brasil. Um pouco da opinião das entrevistadas sobre mídias e *Riot Grrrl*:

Tem o programa do Kid Vinil, que estou tentando lembrar o nome...2002, mais ou menos. 2002, 2003, 2004. Por esta época, aí. Uma vez ou outra assim, ele trazia algumas bandas de garotas. Por exemplo, saiu uma coletânea No Wave. E ele começava a tocar bandas daquela coletânea...tinha o lado B na mtv...passava clipes, e às vezes alguém que trabalhava lá cismava de fazer um bloquinho de alguma coisa e às vezes tinha... Sleater Kinney, Cat Power, Breeders, Babes in Toyland. Revista eu conheci quando já era ShowBizz... Tinha um programa na MTV nos anos 2000 que trazia umas bandas independentes também. Acho que zine o tempo todo, o Magazine da Debbi Cassan...tinha o Esquizofrenia, eu acho que, assim, zines riots eram os de vocês, as amigas. Que eu acabava conhecendo. Eu conhecia esses que não são riots. (Olympe, 31, São Paulo)

Cabeça tédio é um blog bem massa com muitos anos de estrada. A internet proporcionou muita troca de conteúdo, então tem muita página para falar de riot como a página do Distúrbio Feminino, o selo Efusiva, o Girls Rock Camp Brasil, o Motim no RJ... (Nina, 28 anos, Minas Gerais)

Na MTV rolou muito né... eu lembro que passava, as próprias gurias do movimento trabalhavam na MTV...a Le, do Pin Ups. A Le, todas trabalhavam na MTV. (...). A MTV, bem ou mal tinha este espaço. Não to dizendo que a TV antes do fanzine, mas abrange mais... Mas eu acho que o principal foi o zine e os shows. A TV teve seu valor. Difícil lembrar...eu ainda tenho essa coisa do zine e tal. Provavelmente foi alguma outra mina que me mostrou assim, sabe. Ah, eu lembro da Kathleen Hanna em um clipe do Sonic Youth antes de ir atrás, sabe. Então, porque eu tenho mais esse background Sonic Youth. Pode ter sido assim que conheci Riot Grrrl (Betty, 38 anos, Rio Grande do Sul)

Na minha experiência primeiro foram os zines. Foi lá onde tive o meu primeiro contato e li a palavra "Riot Grrrl". Depois, com certeza, a internet. Mesmo discada e após às Oh, era no Kazaa que baixei "Carnival" e "I Like Fucking" e ouvi trocentas mil vezes. (Lili, 27, Rio de Janeiro)

Acho que os zines cumpriram e cumprem bem essa função. (...) . No rádio alternativo, citaria o Distúrbio Feminino apresentado pela Mariângela Carvalho, uma mina bem importante na cena e na internet existem muitos blogs, mas o Cabeça Tédio eu entendo como um dos mais acessados pelas minas mais novas nesse universo. (Charlotte, 26 anos, Rio Grande do Sul)

Para mim, antes da internet (que entrou na minha vida em 2004 e intensificou em 2005/2006), as revistas e a rádio Unisinos FM, em especial, foram fundamentais para conhecer Riot Grrrl. (Petra, 26 anos, Rio Grande do Sul)

Eu ouvia muito o que passava na programação da rádio na época. Assim, conheci Alanis... aí tempos depois eu conheci o programa do Gastão Moreira... como é que era o nome... do programa... não lembro. Aí do programa do Gastão eu ouvi é... Le tigre, e outras bandas assim. E fui atrás de outras. (Rosa, 30 anos, Rio Grande do Sul)

Além disso, uma das entrevistadas (Olympe) fala que a mídia televisiva (chamamos aqui de "macromídia") ajuda outras meninas a entenderem o que é o feminismo, como aconteceu com a própria entrevistada com relação a MTV na época. Hoje, pode facilitar muito para que outras meninas aproximem-se a partir do feminismo em alta nas propagandas, o "feminismo da moda", como é chamado pela entrevistada, referindo-se ao momento atual. Segundo Muggleton (2000), a cobertura da mídia de massa sobre uma subcultura não age como um mecanismo de difusão; pelo contrário, pode aumentar a sua longevidade. A mídia de nicho (a "micromídia"), como a imprensa musical e as revistas especializadas (moda, cadernos de cultura), são, muitas vezes, compostas por pessoas que foram ou são os próprios membros de subculturas, como

Betty mesmo relata: “Na MTV rolou muito né... eu lembro que passava, as próprias gurias do Riot Grrrl trabalhavam na MTV...a Le, do Pin Ups. A Le, todas trabalhavam na MTV... bem ou mal, tinha este espaço.” No entanto, esta também foi uma das críticas feitas pelas anarcofeministas com relação às *riots* brasileiras, pois enquanto *punks* e anarquistas, eram totalmente contra a aparição na TV – da mesma forma como as *riots* do início dos anos 90 nos Estados Unidos tinham uma resistência pelo fato de a mídia distorcer o que elas queriam dizer, por serem algo novo e considerado radical para a imprensa musical da época.

Deste modo, para Muggleton (2000), tais meios (as macromídias, como jornais e a televisão, os programas televisivos, por exemplo) contribuem ativamente para compor e estruturar as entidades subculturais estáveis de movimentos reais, no entanto, com nebulosos fragmentos culturais. Já as micromídias (como *fanzines*, *flyers*, cartazes e panfletos distribuídos em shows e lojas de LPs) também são parte integrante do processo de criação de redes dos indivíduos (Cfr. Guerra, 2015b). Além disso, em uma inversão irônica de ideologias subculturais, os meios de comunicação “macromídias” podem, muitas vezes, serem superiores em relação a certas micromídias em sua cobertura de novos desenvolvimentos na arena subcultural, como possivelmente aconteceu no Brasil, onde a MTV acabou despertando o interesse de algumas meninas pelas bandas de mulheres : “Não vamos negar que o feminismo está na moda. E aí... tem muita coisa negativa nisso, mas as pessoas estão dando ouvidos e estão se transformando em coisas interessantes. Enquanto eu to falando, ninguém está nem aí, mas se aparecer na proganda da C&A, a pessoa vai dar atenção para isso”(Olympe, 31 anos, São Paulo).

2. A chegada do *Girls Rock Camp* no Brasil

Um dos motivos que aumentou a visibilidade da subcultura *Riot Grrrl* no Brasil foi a organização do primeiro *Ladyfest* nacional em 2004. O evento foi organizado pelas integrantes da banda Dominatrix que, dois anos antes, havia tocado no *LadyFest* Holanda. Durante os *Ladyfests*, ocorriam debates de diversas pautas feministas, como questões de gênero, identidade, virgindade, sexualidade, feminismo jovem, violência contra a mulher (Leite, 2015). Em um encontro com Flávia Biggs (Sorocaba, São Paulo), diretora do *Girls Rock Camp* Brasil, a ativista feminista, musicista e socióloga explicou que o primeiro *Girls Rock Camp* iniciou em Portland (EUA), intitulado Rock’n’ Roll Camp For Girls, por iniciativa de uma universitária:

Começou com a Misty, de Portland. Ela era estudante da Portland State University e ela fazia uma cadeira de Women Studies. Estudos de gênero e

mulheres. Aí ela tinha que fazer um trabalho. É que assim, nos Estados Unidos essa coisa de “camp” é algo normal, camp e rock sempre teve. Eu tenho várias entrevistas dela, ela fala que a ideia surgiu quando ela estava lendo uma revista e tava escrito: TOP 100 dos rockeiros mais influentes, pessoas mais rocknroll, sei lá. Aí das 100 pessoas só tinha a Janis Joplin de mulher. Aí ela falou: GENTE, COMO ASSIM. Tem alguma coisa errada!

Assim, foi durante a *tour* europeia do *Lady Fest Amsterdam* que o *Rock’n’ Roll Camp for Girls* iniciava. Desta forma, através da grande amizade entre a banda *Dominatrix* e a banda *Haggard* (Portland), que também estava fazendo turnê na Holanda, que as meninas ficaram sabendo do acampamento. As jovens mulheres da banda *Haggard* disseram para as meninas da banda *Dominatrix*:

Vocês têm que ir para os Estados Unidos, vocês têm que ir para os Estados Unidos! Vocês têm que conhecer os projetos que a gente faz lá, é, agora tá tendo o ROCK’ n’ ROLL CAMP FOR GIRLS. O nome original é ROCKNROLL CAMP FOR GIRLS. E aí a gente disse: “Nossa, que legal, vamos!”. Aí em 2003 fizemos uma tour em Portland lá na west coast, fizemos a costa inteira desde Washington, Portland, Los Angeles, Santa Monica, tudo de van... foi punk! Foi uma época. Punk no sentido positivo. E aí um dia fizemos uns shows em Portland. Aí a STS nos levou para conhecer as instalações do acampamento lá. E isso em 2003. Aí a hora que eu cheguei eu não acreditei. Eu sabia que tinha começado em 2001 né, e que começou com um projeto de WOMEN STUDIES da Misty McElroy, que teve essa ideia. Ele começou bem pequenininho, a galera começou na rua. A galera carregando as coisas, começou bem pequeno. (Flávia, SP, 37 anos, São Paulo)

Assim, depois da experiência de Flávia no *LadyFest* na Holanda e de ter trabalhado durante três anos consecutivos no *Rock’n’ Roll Camp for Girls* nos Estados Unidos, a ativista começou a fazer a Oficina de Guitarra para Meninas em Sorocaba. Após três anos, quando viu que outras amigas estavam organizando algo que lembrava o que aprendeu no acampamento norte-americano, iniciou um *chamamento geral*, como fala, para realizar o acampamento no Brasil. Atualmente, segundo Leite (2005), o que move a prática brasileira de maior fôlego em relação à subcultura *Riot Grrrl* no país é o *Girls Rock Camp* (GRC) (Figura 16). O *Girls Rock Camp* acontece desde 2013, em Sorocaba (São Paulo), com voluntárias do Brasil todo, geralmente mulheres envolvidas de algum modo com a cena *Riot Grrrl* e com o movimento feminista no país. O acampamento *Girls Rock Camp* Brasil segue dialogando com o movimento feminista, e são feministas interseccionais, onde há o recorte de gênero, raça, classe, sexualidade. As feministas interseccionais percebem e enfatizam que as mulheres não sofrem o mesmo grau e modo de opressão, uma vez que mulheres de diferentes realidades

vivenciam outros sistemas que dizem respeito a questões de raça, etnia, classe e sexualidade. Dessa maneira, reconhecem diferentes realidades para além de mulheres de classe média, brancas e heterossexuais.

De acordo com a diretora do *Girls Rock Camp* Brasil (Flávia Biggs), o projeto *Rock'n' Roll Camp for Girls* foi tomando proporções enormes nos Estados Unidos, e hoje algumas das marcas que doam instrumentos nos acampamentos são a *Fender* e a *Gibson*, além de musicistas como Joan Jett e Kim Gordon assinarem instrumentos nos *camps*. São 100 garotas nos acampamentos de lá, e existem vários por ano. Além do *Girls Rock Camp*, existe o *Ladies Rock Camp*, em Sorocaba, voltado às mulheres adultas terem uma experiência de empoderamento feminino através da música. Em Porto Alegre, o primeiro *Girls Rock Camp* aconteceu em janeiro de 2017, sendo planejado desde o final de 2015, encabeçado pela baixista e baterista Liege Milk e a equipe composta por Liege Milk, Lisi Zilz, Letícia Rodrigues, Joana Ceccato, Isadora Nocchi Martins, Desireé Marantes, Julia Barth e Brunella. “Aí no role, com banda, fui conhecendo várias meninas. E no meu primeiro Girls Rock camp, eu conheci TODAS. (risos). Sim... todas as meninas que eu queria ter conhecido, sim! Desde então, me tornei ativista mesmo, feminista mesmo”. (Liege, 30 anos, Rio Grande do Sul)

Portanto, o *Girls Rock Camp/ Rock'n' Roll Camp For Girls* - ou qualquer outro título que seja escolhido para um mesmo propósito de camp, conforme a explicação de Flávia Biggs - é um acampamento diurno que tem como objetivo reunir garotas interessadas em aprender a tocar instrumentos e mulheres animadas para ensinar, ou seja, é uma rede feminina. Assim, durante uma semana, as garotas aprendem a tocar o instrumento que desejam, participam de oficinas de *fanzines*, autodefesa feminina, discussões sobre feminismo, e, ao final da semana, têm que se apresentar com sua banda e mostrar uma música autoral (Leite, 2005). Deste modo, o *Girls Rock Camp* tenta fazer com que o mundo do rock, mais as questões de gênero, sejam integrados e que, ao mesmo tempo, apontem estratégias positivas para aumentar a autoestima de garotas.

Ainda com relação as nossas entrevistadas, quando questionada sobre onde a subcultura *Riot Grrrl* está presente em sua vida, Betty (Rio Grande do Sul, 38 anos) comenta acerca do *Girls Rock Camp* e da transformação individual das meninas e mulheres através do acampamento. Já Luiza (21 anos, São Paulo), sobre o vínculo destas mulheres a subcultura *Riot Grrrl*:

Agora, como eu estou mais fortalecida assim, eu acho que ele se manifesta em tudo mesmo, mas mais é dentro das bandas, do Girls Rock Camp...E a gente vai empoderando uma a outra, até tá rolando muito isso, assim. Porque é uma mudança bem profunda né, não só se restringe a quem toca ou quem

ouve música, a um meio... ela acontece profundamente na pessoa. Isso que é massa. Uma transformação pessoal. É isso que a gente quer passar no Girls Rock Camp ou em qualquer outro projeto que envolva meninas. Não é porque elas vão aprender a tocar um instrumento em uma semana, não interessa se elas vão continuar. O que desperta nelas é que é muito maior, sabe. Que é essa coisa da sororidade né, a cooperação entre as mulheres, o fortalecimento entre as mulheres. O espaço das mulheres. (Betty, 38 anos, Rio Grande do Sul).

Particpei do Girls Rock Camp como jornalista e conheci as meninas que organizam. Elas vivem intensamente a subcultura riot e é um universo incrível e seguro para mulheres. Também fui a um show beneficente para o Chicas Rockeras (GRC para meninas latinas em Los Angeles) e foi a mesma sensação de empoderamento. (Luiza, 21 anos, São Paulo).

Conseqüentemente, os acampamentos *Girls Rock Camp* não são apenas acampamentos diurnos musicais, são programas que apresentam uma comunidade de mulheres que resistem ativamente a sua subordinação cultural e trabalham para promover uma mudança social. Portanto, os *Girls Rock Camp* apresentam uma nova estratégia para perspectivar, às mulheres adultas, a continuidade na subcultura, uma vez que essas detêm legados e aprendizados que devem ser passados adiante. As voluntárias dos acampamentos fundem sua motivação pessoal com o desejo de ajudar outras gerações de *riot grrrls* e estimular o envolvimento com suas cenas musicais, através de história da música das mulheres, aulas feministas e produções *Do It Yourself* (Shilt & Giffort, 2012). Além disso, segundo Shilt e Giffort (2012), as voluntárias nunca dizem para as garotas o que é a *Riot Grrrl*. Ao invés disso, tentam explicitar pontos interessantes e importantes sobre o feminismo e a *Riot Grrrl*, deixando-as livres para refletirem e criarem suas próprias perspectivas.

De acordo com Hodkinson (2011), casos como este, em que há uma expansão de longevidade na vida das subculturas – como as mulheres que participam deste acampamento, ensinando as meninas –, oferecem um ponto de partida precioso para explicar o aumento da participação de pessoas mais velhas (20 e poucos anos) em comunidades subculturais (de música e estilo, por exemplo). Segundo o autor, é notório que há um salto pós-adolescente na vida das pessoas adultas, o que pode ocasionar um ambiente propício para uma imersão duradoura na subcultura como a *Riot Grrrl*. A partir do questionário, durante a primeira parte da pesquisa, obtivemos 58 respostas. Os dados mostram que as respondentes da subcultura possuem faixa etária entre 15 e 47 anos, sendo a média de idade 25,5 anos (Gráfico 1), o que as enquadraria na vida adulta, embora a categorização de jovem ou adulto seja questionável, dependendo da realidade social de cada indivíduo. Sobre o grau de envolvimento das respondentes, 30 responderam que a subcultura está presente em

sua vida há mais de 5 anos e 4 respondentes disseram estarem vinculadas à subcultura *Riot Grrrl* há 20 anos ou mais.

GRÁFICO 1

Gráfico gerado a partir do questionário Google da pesquisa *Riot Grrrl* Brasil



Fonte: Gerado a partir do questionário das pesquisadoras.

Já na pergunta aberta sobre se a *Riot Grrrl* é mais voltada para a juventude, das 58 respondentes, interpretamos que 24 responderam ‘não’; 15 afirmaram que sim e 19 não responderam, pois esta não era uma resposta obrigatória no questionário. A maior parte das respondentes parece acreditar que a subcultura continua após o auge dos anos de juventude. Entre as respostas negativas (não é algo voltado apenas para a juventude), percebemos relatos do envolvimento cotidiano de algumas mulheres respondentes na faixa dos 30 anos de idade:

Normalmente o contato que as pessoas têm com o Riot Grrrl é na juventude, aquele momento de descoberta e de escolhas. Mas o que se ganha com o Riot Grrrl de ensinamentos tem uma influência em tudo que se é construído na vida, até chegar à velhice. (Laura, 25 anos, GO).

Não necessariamente. Mas acho que ele sempre foi um movimento jovem e a maioria das minhas amigas Riots da adolescência continuam Riot Grrrl e acreditando em tudo isso. A diferença é que quando a gente é adolescente acabamos dedicando 1000% do nosso tempo pra cena musical, pra organizar shows, pra montar banda, aprender a tocar, articular com as amigas e participar dos eventos. Infelizmente o "corre" da vida adulta tradicional dentro do sistema (estudar, trabalhar, graduar, pra algumas casar, ter filho, etc) nos impede a dedicação integral. Mas eu acredito que Riot Grrrls will

never die. A gente começa lá na adolescência e leva pra vida. (Nina, 28 anos, MG).

Como o riot grrrl está totalmente ligado aos feminismos pra mim, eu não acredito que seja uma cultura “jovem”. Porque acaba sendo desmotivador você estar produzindo saberes riot apenas com pessoas jovens, porque parece que está parado no tempo, que é datado de uma época (e faixa etária) e que por isso acabou. Acredito em um tempo circular, em camadas e deslizamentos. E por isso vejo que atualmente tem acontecido um “resgate” de si e de práticas que ajudam a sobreviver nesse mundo heteronormativo, praticamente sem experiências tateis e furacões. Uma delas é o Riot Grrrl. Bandas com mais de 15 anos como Sleater-Kinney, Julie Ruin, L7, Babes in Toyland, Mercenárias, algumas integrantes do Bulimia (em outras bandas) estão fazendo shows, ou fizeram nos últimos 5 anos. Aqui no Brasil, e fora, feministas que estiveram produzindo arte e cultura Riot Grrrl nos anos 80 e 90 estão organizando publicações (livros, dissertações, teses, zines), eventos, mostra de artes. (Chris, 32 anos, RJ).

Assim, entre alguns dos pontos citados nas respostas que interpretamos como sendo a resposta “não”, encontramos as seguintes perspectivas:

1) por ter sido um movimento iniciado nos anos 90, muitas mulheres adultas hoje foram adolescentes naquela época e, assim, continuariam na subcultura, o que configura uma participação subcultural na vida adulta;

2) as mulheres mais velhas tomariam uma postura madura e levariam os princípios *riot grrrl* para a vida, trabalho e convivência familiar;

3) as bandas, artistas e *zineiras* mais conhecidas já não seriam tão icônicas para as jovens como para as adultas;

4) as mulheres mais velhas não devem nunca se acomodar;

5) a *Riot Grrrl* atinge todas as faixas etárias, inclusive um público bastante jovem, em decorrência do uso da internet;

6) há uma fidelidade pelo público adulto que conheceu a *Riot Grrrl* enquanto jovem;

7) há um "espírito jovem" no público adulto e fiel a *Riot Grrrl*;

8) o empoderamento de mulheres de vários lugares e realidades não as faz serem menos *riot grrrls* do que as que realmente são e sabem o que é a subcultura;

9) a *Riot Grrrl* ligar-se-ia a “feminismos”, então, seria desmotivador se fosse datada a uma cultura “jovem”. Assim, há diferentes percepções das observadas quando responderam sobre se a *Riot Grrrl* é mais direcionada à juventude.

Para Rosa, entrevistada em profundidade e participante do *Girls Rock Camp* Porto Alegre, hoje já existe uma consciência maior junto ao empoderamento feminista com relação às mulheres adultas da subcultura *Riot Grrrl*; enquanto Nina diz que as mulheres que viveram a primeira fase da *Riot Grrrl* no Brasil hoje têm “lá seus 40 anos” e continuam envolvidas com a subcultura de certa forma. Além disso, acredita que as meninas mais novas atualmente começam a ter o primeiro contato com a subcultura *Riot Grrrl* através do *Girls Rock Camp* no Brasil:

Vejo várias gerações, tem a galera que viveu a primeira fase do movimento no início dos anos 90 e hoje tem lá seus 40 anos e continua envolvida de certa forma com o movimento. Tem a galera que aproveitou a fase inicial dos anos 2000 com um boom de bandas brasileiras feministas e ativistas. E tem as novas gerações agora que estão conhecendo as bandas e a história do Riot Grrrl, minas muito mais novas que passam pelo Girls Rock Camp Brasil e têm contato com a história do Riot Grrrl. (Nina, 28 anos, Minas Gerais).

Consciência! Hoje elas têm mais consciência e são meninas mais velhas que tão fazendo isso, empoderadas pela primeira vez. Por algum motivo elas não fizeram isso na adolescência ou fizeram isso na adolescência ou agora fazem com mais consciência, como é o meu caso, por exemplo. O fazer música, né? Tipo assim... E elas têm outra visão e elas têm mais consciência e usam da música com um cunho social mais forte. Eu acho que quando você é adolescente - e eu falo na minha adolescência, falo por mim - você faz isso sem saber. Você não sabe o quanto a sua figura feminina, gritando em cima do palco, representa para outra menina. Hoje eu sei. Eu não sabia. Quando eu tinha 13 anos e cantava L7 no palquinho e as minhas composições, eu não tinha noção de que eu podia mudar a vida de uma menina que sempre quis tocar e que tava assistindo. E eu não tinha esta noção. (Rosa, 30 anos, Rio Grande do Sul).

Não obstante a ideia de Hodkinson (2011) sobre a continuidade (e imersão, responsabilidade) do envolvimento das pessoas adultas nas subculturas a que já pertenciam enquanto jovens, não nos podemos esquecer do que Bourdieu (2003) afirma sobre a ideia de juventude e velhice, como não dadas, mas construídas socialmente (Guerra & Quintela, 2016), fatos manipuláveis. “As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas” (Bourdieu, 2003: 152). Hoje, mulheres adultas que levam o ativismo aprendido na subcultura *Riot Grrrl* para outros espaços: oficinas de bateria, oficinas de guitarra, *fanzines*, defesa pessoal. O *Girls Rock Camp*, então, congrega todos estes ambientes em um só acampamento musical para garotas.

Deste modo, o *Girls Rock Camp* Brasil (em Sorocaba) e o *Girls Rock Camp* Porto Alegre são acampamentos que atraem diversas mulheres (musicistas, oficinas, ativistas) de partes diferentes do país (e fora dele também), além de fãs e seguidoras que se inspiram na ideia e buscam, principalmente através dos ambientes digitais, voluntárias e auxílio para que se mantenha ativo, bem como continuam a divulgar ideias feministas e de empoderamento de meninas e mulheres através da música. Parece haver, no Brasil, uma continuidade subcultural em relação ao tempo de vida destas mulheres (Hodkinson, 2011), uma vez que muitas das organizadoras dos eventos (tanto do *Girls Rock Camp* de Sorocaba quanto de Porto Alegre) são, em sua maioria, mulheres que de algum modo estiveram ligadas ao *Riot Grrrl* ou o movimento feminista há alguns anos. Hoje algumas já são mães, trabalham, têm bandas, desenvolvem oficinas, ou seja, possuem outras funções para além de integrar um grupo subcultural como a *Riot Grrrl*, ter uma banda ou participar de cenas musicais locais. Para a entrevistada Charlotte (Rio Grande do Sul), o que representa uma continuidade da subcultura no Brasil,

é o fato de a informação sobre o feminismo chegar nas meninas mais cedo do que quando éramos jovens e o fato de o Girls Rock Camp vir bem a calhar nesse sentido. Sendo organizado por mulheres mais velhas para instruir meninas mais jovens, ele não só é uma continuidade do Riot Grrrl como lança as sementes para que ele continue existindo. (Charlotte, 26 anos, Rio Grande do Sul).

Além disso, o *Girls Rock Camp* Brasil possui a palavra “Rock” em seu título, embora não seja necessário que as garotas componham uma música do gênero “Rock” na semana do acampamento: pode ser rap, uma música com poucas notas, o teclado em evidência, por exemplo. Tal explicação foi anotada pela pesquisadora Gabriela Gelain durante a reunião do *Girls Rock Camp* Porto Alegre, ministrada por Liege Milk e organizadoras, em julho de 2016, no Santander Cultural na cidade de Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brasil). É interessante visualizar que o símbolo do *rock* está presente neste título do acampamento, parecendo haver o empoderamento feminino inspirado diretamente nas mulheres do gênero *rock*. “Mas tem um porquê sim. *Rock* é por causa de atitude mais do que estilo. Nem sempre sai *rock* nas músicas” (Flávia Biggs, Diretora do *Girls Rock Camp*, São Paulo). Deste modo,

Analisando o histórico do movimento Riot Grrrl no Brasil é possível notar a sua influência de forma direta nas atividades e premissas do evento Girls Rock Camp Porto Alegre que possui como base os princípios da colaboração, da inteligência coletiva e das práticas ligadas à lógica Do It Yourself. Organizado por um grupo de jovens mulheres, o projeto associa música e feminismo de modo a empoderar e promover a autoestima de meninas por meio da educação musical, criatividade, pensamento crítico e colaboração. E

mais: durante esse período de acampamento é estimulado o desenvolvimento de uma conexão afetiva de crianças e adolescentes participantes do Girls Rock Camp Porto Alegre com os instrumentos musicais. (Guerra, Gelain, Lage e Bittencourt, 2017, p.16)

Para a entrevistada Betty (38 anos, Rio Grande do Sul), também participante do *Girls Rock Camp Porto Alegre*, deve-se levar em conta o conhecimento musical e a preferência da cada menina, independente se for rock, *punk* ou outro gênero: "...as meninas voluntárias têm um background. Pode vir uma menina que tem um background de samba. A gente pode até tentar e se esforçar para ensinar ela, tentar fazer um samba, mas é uma coisa que a gente... Bem, o nosso background é outro, é mais o rock, vai ser mais difícil, mas estamos abertas a isso". Para além desta questão, há também de se levar em conta que a própria subcultura *Riot Grrrl* parece ter migrado do *punk rock* e se expandido até a música eletrônica, rock, funk e outros gêneros musicais.

Conclusão

Por conseguinte, com relação a questão de mídia, percebemos que o canal televisivo *MTV* teve grande parcela de influência sobre parte das entrevistadas, apresentando videoclipes de bandas de mulheres, e assim, incentivando a procura por outras. Além disso, programas de rádio, o contato com galerias de música e lojas de disco também figuram como importantes. Foi interessante compreendermos que as entrevistadas que não conheceram a subcultura por meio da televisão, rádio ou galerias de música, parecem se orgulhar disso, relatando que conheceram "na cena", "na rua", "na vida", "no rolê", "na vivência do movimento punk", "sozinha", como se isso fosse parte do capital subcultural (Thornton, 1995) destas e algo importante neste primeiro contato, levando, talvez, a um prestígio dentro da subcultura *Riot Grrrl* no Brasil. O *mainstream* também pode ter ajudado a disseminar a subcultura, possivelmente mais do que os *fanzines* em nosso país, e talvez tenha reforçado a busca destas mulheres por outras bandas feministas na época do *boom riot grrrl* no Brasil, após 1995. As únicas entrevistadas que conheceram a *Riot Grrrl* por meio da Plataforma *Tumblr* são as meninas de 15 anos, as mais novas da amostra desta pesquisa.

Nesta análise sobre a continuidade subcultural e os *Girls Rock Camps* no Brasil, percebemos que o acampamento brasileiro *Girls Rock Camp* parece ser um evento que atrai diversas mulheres (musicistas,icineiras, ativistas) de diferentes locais e regiões do país e busca, nos ambientes digitais, voluntárias e auxílio para que se mantenha ativo, bem como continua a divulgar ideias feministas e de empoderamento da mulher

através da música. Deste modo, o *Girls Rock Camp* é um festival que, através das redes sociais digitais, ou seja, redes digitais e afetivas ligadas através de tecnologias, materialidades e ativismo feminista, permite a "celebração, visibilidade e participação num espaço de resistência e de luta e de afirmação e expressividade de si numa esfera de interioridade e exterioridade identitária" (Guerra, Gelain, Lage e Bittencourt, 2017: 16).

Também parece haver, no Brasil, uma continuidade subcultural em relação ao tempo de vida das pessoas (Hodkinson, 2011) envolvidas com a subcultura *Riot Grrrl*, pois a maioria das respondentes estão em contato com a subcultura há mais de 5 anos. Além disso, não mencionaram, em nenhum momento, um afastamento pleno com a subcultura, onde conheceram os questionamentos sobre o sexismo na cena do movimento *punk*. Também as respondentes mais velhas estão vinculadas com a subcultura há 20 anos ou mais e as mulheres adultas da amostra da pesquisa são ativas na subcultura, tocando com bandas, produzindo eventos feministas, *fanzines*, ensinando instrumentos para outras mulheres e incentivando-as a buscarem o seu empoderamento, havendo, igualmente, uma preocupação maior com relação aos seus movimentos dentro da subcultura *Riot Grrrl* no Brasil.

Referências:

- Amaral, Adriana (2008). Autonetnografia e inserção *online*: O papel do "pesquisador-insider" nas práticas comunicacionais das subculturas da Web. *ENCONTRO DA COMPÓS*, 17., São Paulo. *Anais...* São Paulo: UNIP. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_315.pdf>. Acesso em: 20 maio 2016.
- Bayton, Mavis (2004). Women and the electric guitar. In Frith (ed.), *S. Popular music: critical concepts in media and cultural studies*. London: Routledge.
- Bourdieu, Pierre (2003). *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim de Século Edições.
- Bramorski, Natascha. A. B. (2015). Riot Grrrls! Histórias nas Américas: Dos EUA ao BR, através de cabos de som e de rede. *Congresso Internacional de Estudos do Rock*, 2., Cascavel. *Anais...* Cascavel: UNIOESTE, 2015.
- Frith, Simon; McRobbie, Angela (2005). Rock and sexuality. In Frith, S.; Goodwin, Andrew. *On the record: rock, pop and the written word*. New York: Taylor & Francis e-Library.
- Gelain, Gabriela Cleveston (2017)..*Releituras, transições e dissidências da Subcultura Feminista Riot Grrrl no Brasil*, dissertação de mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://tinyurl.com/riotbrasil>
- Gelain, Gabriela; Lage, Rafael; Bittencourt, Luiza (2016). Guitarraixo e protagonismo Riot Grrrl: Tecnologias digitais e sonoras na banda Ostra Brains. *IX Simpósio Nacional ABCiber*, 9., São Paulo. *Anais...* São Paulo: PUC-SP.
- Guerra, Paula (2013a). *A instável leveza do rock: gênese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal*, Porto, Edições Afrontamento.
- Guerra, Paula (2013b). Punk, ação e contradição em Portugal. Uma aproximação às culturas juvenis contemporâneas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 102/103: 111-134.
- Guerra, Paula (2015c). Keep it Rocking: the social space of Portuguese alternative rock (1980-2010). *Journal of Sociology*, 52(4): 615-630.
- Guerra, Paula (ed.) (2015a). *More Than Loud. Os mundos dentro de cada som*. Porto, Edições Afrontamento.

Guerra, Paula (ed.) (2015b). *On the road to the American underground*. Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras.

Guerra, Paula; Gelain, Gabriela; Lage, Rafael e Bittencourt, Luiza (2017). Tecnologias musicais, materialidades artísticas e ativismo feminino: o caso do Girls Rock Camp Porto Alegre. *XXVI Encontro Anual da COMPÓS, 26., São Paulo. Anais...* São Paulo: Faculdade Cásper Líbero.

Guerra, Paula; Pedro Quintela (2016). Culturas urbanas e sociabilidades juvenis contemporâneas: um (breve) roteiro teórico. *Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, 47(1)*: pp. 193-217.

Haenfler, Ross (2012). More than the X's on my hands: older straight edgers and the meaning of style. In Bennett, A.; Hodkinson, P. (Eds.). *Ageing and youth cultures: music, style and identity*. Oxford: Berg.

Hodkinson, Paul (2005). Insider Research in the study of youth cultures. *Journal of Youth Studies, v.18*, pp. 131-149.

Hodkinson, Paul (2011). Ageing in a spectacular 'youth culture': continuity, change and community amongst older goths. *The British Journal of Sociology, Volume 62, Issue 2*, pp. 262–282.

Hummel, Calla (2009). Tenho Minhas Ideias e Não Posso Ficar Calada': Riot Grrrl in Brazilian Civil Society, *Intersections 10*, no. 3. pp 69-100.

Leite, Flávia (2015). *Riot Grrrl: capturas e metamorfoses de uma máquina de guerra*. 2015. 320 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Muggleton, David (2000). *Inside subculture: the postmodern meaning of style*. Oxford: Berg.

Schilt, Kristen; Giffort, Danielle (2012). "Strong riot women" and the continuity of feminist subcultural participation. In Bennett, A.; Hodkinson, P. *Ageing and youth culture: music, style and identity*. London: Berg.

Shrodes, Addie (2012). *The Race Riot within and without "the Grrrl One": ethnoracial grrrl zines' tactical construction of space*. Thesis (Bachelor of the Arts Degree) – University of Michigan, Winter.

Shuker, Roy (1999). *Vocabulário de música pop*. São Paulo: Hedra.

Thornton, Sarah (1995). *Club Cultures: music, media and subcultural capital*. Oxford: Polity.

IS Working Papers

3.^a Série/3rd Series

Editora/Editor: Paula Guerra

Comissão Científica/ Scientific Committee: João Queirós, Maria Manuela Mendes, Sofia Cruz

Uma publicação seriada *online* do

Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

Unidade de I&D 727 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

IS Working Papers are an online sequential publication of the

Institute of Sociology of the University of Porto

R&D Unit 727 of the Foundation for Science and Technology

Disponível em/Available on: http://isociologia.pt/publicacoes_workingpapers.aspx

ISSN: 1647-9424

IS Working Paper N.º 58

Título/Title

“Girls Rock Camps no Brasil: continuidade subcultural e presença Riot Grrrl”

Autoras/Authors

Gabriela Gelain

Adriana Amaral

As autoras, titulares dos direitos desta obra, publicam-a nos termos da licença Creative Commons

“Atribuição – Uso Não Comercial – Partilha” nos Mesmos Termos 2.5 Portugal

(cf. <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/pt/>).